

Walter
Scott



Ivanhoe

Traduzido do inglês (Reino Unido) por
António Vilalva e Helder Guégués

Ilustrações
Adolphe Lalauze





O Cavaleiro no eremitério.

outras até então desconhecidas no código saxónio, mais suave e liberal. Na corte e nos castelos da alta nobreza, que ostentavam pompa e magnificência verdadeiramente reais, só se falava francês. Era também esta a língua usada nos tribunais, falada pelos magistrados, nobres e cavaleiros, enquanto o anglo-saxónico, mais másculo e expressivo, só era empregado pela plebe e pelos camponeses. Contudo, a necessidade de entendimento entre os senhores da terra e aqueles que a cultivavam criou um dialecto, misto de francês e de anglo-saxão, no qual puderam tornar-se mutuamente inteligíveis; e desta necessidade surgiu gradualmente a estrutura da nossa língua inglesa actual, em que o discurso dos vencedores e vencidos foram tão felizmente misturados juntos; e que desde então tem sido tão ricamente melhorado pelas importações das línguas clássicas e das faladas pelas nações do Sul da Europa.

Era esse o estado de coisas na época em que decorre a nossa história e julguei-me no dever de o traçar em poucas palavras aos meus leitores, pois poderiam esquecer que, embora a História não mencione nesta altura qualquer guerra ou insurreição dos Anglo-Saxões, as distinções nacionais entre vencedores e vencidos prolongaram-se até ao reinado de Eduardo II, não deixando cicatrizar as feridas abertas pela conquista e marcando uma linha de separação entre os descendentes dos Normandos e Saxónios.

O Sol, no ocaso, penetrava ainda em fresca clareira da floresta a que nos referimos no começo deste capítulo. Os carvalhos centenários, de troncos pouco elevados, mas que talvez tivessem presenciado o desfile triunfal das legiões romanas, abriam as suas copas frondosas sobre a relva fresca e macia. Em alguns pontos os seus ramos confundiam-se com os dos vidoeiros, azevinhos e árvores silvestres de toda a espécie, tornando mais espessa a abóbada verdejante. Noutros, o arvoredó era menos basto, alinhava-se, formando uma espécie de alamedas, conduzindo a locais ainda mais agrestes e solitários. Aqui, os raios vermelhos do sol atiravam uma luz quebrada e descolorida, que pairava parcialmente sobre os ramos quebrados e os troncos musgosos das árvores, e ali iluminavam em remendos brilhantes as porções de erva a que se dirigiam. Um considerável espaço aberto, no meio desta clareira, parecia ter sido antes dedicado a ritos da superstição druídica; pois, no cume de uma colina, tão regular que parecia artificial, ainda permanecia parte de um

círculo de pedras irregulares, não cortadas, de grandes dimensões. Sete estavam em pé; o resto tinha sido desalojado dos seus lugares, provavelmente pelo zelo de algum convertido ao Cristianismo, e permanecia, algumas prostradas perto do seu local anterior, e outras ao lado da colina. Uma grande pedra só encontrara o caminho até ao fundo, e, ao parar o curso de um pequeno ribeiro que deslizava suavemente ao pé da eminência, deu, pela sua oposição, uma voz fraca de murmúrio ao plácido e em qualquer outro lugar silencioso regato.

Dois vultos humanos animavam esta paisagem. Pelo traje e modos rudes mostravam ser habitantes das florestas de West Riding, no condado de York. O mais velho tinha aparência dura e o seu traje era o mais simples possível e consistia numa espécie de samarra feita de pele de animal, curtida com o pêlo, mas, com o uso, esse pêlo quase tinha desaparecido, de forma que seria difícil determinar qual a qualidade do bicho. Esta vestimenta primitiva cobria-o até aos joelhos, tinha em cima uma abertura suficiente para passar a cabeça e era apertada na cintura por uma tira de coiro com fivela de cobre. Deste cinto pendiam, de um lado um saco e do outro, uma trompa feita de um chifre e uma faca de mato de lâmina larga, de dois gumes e cabo de osso, facas fabricadas na região e conhecidas pelo nome de facas de Sheffield. O calçado compunha-se de sandálias apertadas com correias de pele de porco. Duas correias mais largas e de coiro mais fino cruzavam as pernas, deixando o joelho a descoberto, segundo o costume dos montanhese da Escócia. Tinha a cabeça descoberta e os cabelos, queimados pelo sol, apertados em duas tranças, barba comprida e cor de âmbar. No pescoço — e era esta uma das particularidades do seu traje que não convém esquecer — trazia uma espécie de coleira de cobre, inteiriça e bastante larga para não tolher a respiração, mas que, no entanto, não deixava passar a cabeça nem podia ser tirada sem o auxílio da lima. Nessa coleira via-se gravada a seguinte inscrição: «Gurth, filho de Beowulph, nasceu escravo de Cedric de Rotherwood.»

A poucos passos do guardador de porcos, pois era esta a ocupação de Gurth, sentado numas pedras druídicas, estava outro homem, mais novo talvez dez anos e cujo traje, idêntico na forma ao do companheiro, era, contudo, mais rico e mais vistoso. A samarra era vermelha com desenhos grosseiros de cor berrante e, por cima, usava um manto que lhe chegava à curva da perna, vermelho, debruado de amarelo e coberto

de nódoas. Este manto, que podia ser usado quer num ombro quer no outro, tinha demasiada roda para o comprimento, o que dava ao seu possuidor um aspecto deveras cómico. Nos braços usava pulseiras de prata e a coleira, do mesmo metal, tinha gravada a seguinte inscrição: «Wamba, filho de Witless, escravo de Cedric de Rotherwood.» As sandálias eram semelhantes às de Gurth e nas pernas, em vez das tiras de couro, usava uma espécie de polainas, uma encarnada e outra amarela. Na cabeça tinha um barrete com guizos que tilintavam ao mais pequeno movimento, isto é, quase sempre, porque Wamba nunca estava quieto. Esta particularidade, os guizos, a forma do barrete e a expressão meio apatetada, mas, ao mesmo tempo, maliciosa de Wamba bastavam para indicar qual a sua ocupação. Era um desses bobos domésticos que os ricos senhores nunca dispensavam para os divertir durante as enfadonhas horas que viviam nos seus solitários castelos. Como o companheiro, tinha um saco preto ao cinto, mas não se lhe viam nem trompa nem faca, que era substituída por uma espada de madeira, parecida com as que usam os arlequins nos palcos modernos.

A atitude destes homens formava contraste tão grande como o dos seus trajos. Gurth, de cabeça baixa, parecia abatido, tristonho, e a sua expressão poderia ser considerada como de apatia se o fulgor do olhar não revelasse que o seu desânimo era mais aparente do que real e que, no íntimo da alma, odiava os opressores da sua pátria e alimentava o desejo de a libertar. Pelo contrário, a fisionomia de Wamba exprimia simplesmente indiferença e contentamento pelo cargo que ocupava e pelo traje que usava.

Conversavam em anglo-saxónio, língua que, como já referi, era empregada pelas classes inferiores.

— Por São Withold! — exclamou Gurth, tocando repetidas vezes a trompa a fim de reunir a vara dispersa, que, correspondendo aos sons melódicos com grunhidos, não parecia muito disposta a abandonar o banquete de bolotas e castanhas que por ali abundavam, nem as margens lodosas do ribeiro onde se espojava. — Maldita vara que me faz perder a cabeça! *Fangs, Fangs*, aqui já! — gritou para o cão enorme, de pêlo áspero, que corria de um lado para o outro como se quisesse auxiliar o dono a reunir a vara. Mas, fosse por falta de ensino ou por não compreender os gestos de Gurth, o caso é que o seu ardor mais contribuía para a dispersar, aumentando a desordem em vez de a remediar.

— Quebrados tenha quantos dentes tem na boca! — praguejou Gurth. — Maldita ideia a do couteiro em arrancar as unhas aos animais, impossibilitando-os assim de cumprir o seu dever. Vamos, Wamba, levanta-te e, se és homem, ajuda-me. Vê se cortas o caminho aos animais e se os empurras para este lado.

— Não penses nisso! — respondeu o bobo. — Consultei as minhas pernas sobre o assunto e elas responderam-me que aventurar-me nesses lameiros seria um crime contra a minha ilustre pessoa e contra o meu riquíssimo fato. Segue o meu conselho. Chama o *Fangs* e abandona-os à sua sorte. E, quer eles encontrem soldados, foragidos ou peregrinos, podes ter a certeza de que amanhã estarão transformados em normandos, o que para ti seria uma felicidade.

— Os meus porcos transformados em normandos! Explica-te, Wamba. Não sou tão esperto nem estou tão despreocupado que possa perder tempo a decifrar enigmas.

— Que nome dás a estes animais?

— *Swine*, pateta. Não creio que haja alguém, por muito doido que seja, que lhes ignore o nome.

— Muito bem. *Swine* é saxónio puro. Mas, depois de mortos, esartejados e pendurados pelos pés, como lhes chamas?

— Porcos — respondeu Gurth.

— Exactamente. Não há doido que o ignore, podes dizer outra vez. Continuemos. *Porco* é nome franco-normando e, por conseguinte, o animal, enquanto vivo e confiado ao seu guardador, tem um nome saxónio. Mas quando morre para ser cozinhado e servido nos banquetes dos nobres, passa a ser normando. Agora, julgo que já adivinhaste o enigma. Que dizes a isto?

— Que, embora não tenhas juízo, desta vez tiveste razão.

— Ainda não ficamos por aqui — continuou Wamba. — Teremos o boi, que se chama *ox*, em bom saxónio, enquanto anda a pastar sob a vigilância dos servos e dos escravos, mas que passa a chamar-se *beef* quando aparece na mesa dos senhores. A vitela, *mynheer calf*, transforma-se em *veau* quando entra no espeto...

— Por São Dunstan! — concordou Gurth. — Tudo quanto dizes é uma triste verdade. Só nos resta o ar que respiramos e julgo que, se os Normandos se resignaram a deixá-lo para nós, foi simplesmente para podermos suportar o peso que nos esmaga. As carnes mais suculentas são

para eles, roubaram-nos as raparigas mais belas e os nossos filhos, recrutados para os seus exércitos, vão morrer em terras distantes. Não temos ninguém que deseje ou tenha forças para nos proteger!... Abençoado seja o nosso amo Cedric! Ele, pelo menos, não tem cedido. Infelizmente, chegou Reginaldo Cabeça de Boi e receio que Cedric tenha resistido em vão. Bravo, *Fangs*, fizeste a tua obrigação. Graças à tua habilidade, está a vara reunida.

— Gurth, vejo que, na verdade, me consideras doido varrido — observou Wamba. — Caso contrário, não me falarias com tanta franqueza, porque se eu fosse contar a Reginaldo Cabeça de Boi ou a Filipe Malvoisin o que acabas de me dizer, não tardaria que estivesse enforcado num dos ramos destes carvalhos para exemplo de quantos se lembrassem de dizer mal dos Normandos.

— Cão! — bradou Gurth. — Serias capaz de me trair depois de me teres incitado a falar?

— Trair-te não. Isso seria gesto de homem ajuizado. Um louco nunca seria capaz de lhes prestar tão relevantes serviços... Mas, não ouves? Tenho a impressão de que se aproximam numerosos cavaleiros.

— Isso pouco cuidado me dá — declarou Gurth, que, tendo conseguido reunir os animais com o auxílio de *Fangs*, meteu por um dos atalhos mais sombrios.

— Espera aí. Quero ver quem são. Talvez venham do País das Fadas com uma mensagem do rei Oberon.

— Vai para o diabo! Preocupas-te com coisas dessas quando nos ameaça tremenda trovoada? Não ouves os trovões... não vês estes relâmpagos e não sentes as primeiras gotas de chuva? Não sopra a mais pequena aragem e, no entanto, os ramos das árvores agitam-se. O temporal vai ser medonho. Quando queres, tens juízo... acredita no que te digo e vem comigo. Abriguemo-nos antes que ele nos caia em cima, porque a noite vai ser terrível.

Wamba pareceu sentir a força deste apelo, e acompanhou o seu companheiro, que começou a sua jornada depois de agarrar num comprido cajado que estava na erva a seu lado. Este segundo Eumeu correu apressadamente pela clareira da floresta, guiando à sua frente, com a assistência de *Fangs*, todo o rebanho na sua corrida desarmônica.

II

O peregrino que vinha de longe

Era um padre-mestre, cavaleiro,
abade, homem hábil e caçador
tinha cavalos pagos a bom dinheiro
e galopava como um conquistador
fazendo repicar os sinos do mosteiro
à volta de qualquer refrega
...Mas além disso o santo frade
era também o guardião da adega.

CHAUCER

Embora Gurth tivesse censurado várias vezes o companheiro pela lentidão do andar, ouvindo cada vez mais próximo o tropear dos cavalos, Wamba aproveitava todas as ocasiões para ficar para trás, quer colhendo nozes ainda verdes, quer intrometendo-se com as composesas que encontrava. Desta forma, não tardou que a cavalgada os alcançasse.

Compunha-se de dez pessoas. Os dois cavaleiros da frente deviam ser altas personagens. Os outros formavam o séquito. Desses dois, um, pelo trajar, reconhecia-se ser eclesiástico. Envergava o hábito de Cister, mas de uma fazenda muito mais fina do que permitia a regra da ordem. O manto era do mais fino pano de Flandres e caía em volta dele em pregas graciosas. Era de exterior agradável e nutrido e o aspecto indicava tanto desprezo pelos jejuns e mortificações como o trajo o gosto pelo